

**ENTREVISTA COM EMIR SADER:
Dos governos PT aos desafios políticos do Brasil na conjuntura mundial**

***INTERVIEW WITH EMIR SADER:
From the PT governments to the political challenges of Brazil in the global
context***

Revista Debates Insubmissos

APRESENTAÇÃO



201

O Professor Doutor Emir Sader possui Graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), Mestrado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e Doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Coordenador do Laboratório de Políticas Públicas na mesma instituição. Tem experiência na área de Ciência Política e Sociologia, com

¹ Fonte: https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&tbm=isch&source=hp&biw=1366&bih=625&ei=DHHKXL_pFO-k_QbgwL3gDQ&q=emir+sader&coq=emir+sader&gs_l=img.1.0.0j0i2419.700.2954..5707...0.0..1.387.3470.3-10.....1....1..gws-wiz-img.....0..0i30.NWbzkKNF0pU#imgrc=QVA56AscwGSyWM: Acesso em 15/03/2019

ênfase em Estado e Governo, atuando principalmente nos seguintes temas: América Latina, pós-neoliberalismo, política e pensamento crítico. É Presidente do Comitê Científico Consultivo do Programa MOST da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).²

Tem sido, ao longo de sua trajetória acadêmica, um intelectual com um posicionamento político bem definido a favor das lutas sociais populares, da democracia e da cidadania. Considerado por muitos segmentos democráticos como um ícone do pensamento político crítico latino-americano com inúmeras inserções ao nível nacional e internacional em debates sobre os desafios políticos do século XXI, no qual situa o Brasil e a América Latina na conjuntura mundial. Respeitado acadêmico de prestígio internacional tem realizado um grande número de investigações científicas em redes de pesquisa internacionais. No campo do ativismo tem dedicado seu tempo também na formação de militantes de movimentos sociais em vários países da América Latina e mais especialmente no Brasil.

Esta entrevista foi realizada no dia 22 de fevereiro de 2018, no horário das 10:00 às 12:00 na Rádio Cultura (1.130 AM) da Cidade de Caruaru, durante o Programa Mesa Redonda, apresentado por César Lucena e que também contou com a participação do radialista Tavares Neto durante a entrevista.

O Professor Doutor Emir Sader veio à Caruaru para ministrar um Curso de Formação Contemporânea - Módulo de Formação Política sobre o Século XXI, na Universidade Federal de Pernambuco – Campus Agreste para ativistas dos movimentos da cidade e estudantes da UFPE. Este curso, faz parte de uma série de formações que o Professor vem fazendo no Brasil para contribuir com a formação de militantes dos diversos movimentos sociais, apoiado pelo Sindicato dos Bancários, MST, e por vários outros movimentos locais.

Estiveram no Programa, acompanhando o Professor Doutor Emir Sader, a Professora Doutora Allene Lage da UFPE e Editora da Revista Debates Insubmissos, a Sra. Suzineide Rodrigues, representante do Sindicato dos Bancários de Pernambuco, os Srs. Francisco Terto

²Texto retirado do Currículo Lattes.

e Jaime Amorim, dirigentes do MST de Pernambuco e membros da Direção Nacional e o Sr. Leo Bulhões, assessoria do mandato do Vereador de Caruaru Daniel Finizola (PT).

A entrevista foi realizada em 4 blocos e o Programa recebeu várias perguntas de ouvintes, que não entraram nesta publicação porque não foi possível contatá-los para obter a autorização dos mesmos para publicação de seus nomes e perguntas. Os apresentadores também fizeram perguntas à alguns membros da Comissão que acompanhou o Professor Doutor Emir Sader, mas optamos por publicar apenas as perguntas dirigidas ao Professor.

Ao final do Programa, a Revista Debates Insubmissos pediu autorização ao Professor Doutor Emir Sader e à Rádio Cultura para publicar a entrevista, o que foi autorizado sem nenhuma restrição; e que, desde já agradecemos pela cessão do conteúdo da entrevista³.

É dentro desse contexto que publicamos esta entrevista, com a compreensão do renomado cientista político Emir Sader sobre o atual momento político o Brasil, conforme se vê a seguir.

César Lucena: Sua visita ao interior de Pernambuco, à cidade de Caruaru, tem algum propósito específico?

Emir Sader: Eu estou circulando pelo Brasil com um breve curso de formação política e sobre atualidades. Esse curso tem três temas. Primeiro, a virada conservadora no mundo, que vem acontecendo nas últimas décadas. Segundo, Brasil século XXI, fim do governo Collor, governo do PT, crise do governo do PT e golpe, terceiro, situação atual e perspectivas.

César Lucena: Como o senhor, que tem acompanhado a política nacional, explicaria essa inclinação no campo político, esta saída de um eixo mais socialista, mais à esquerda, mais progressista a uma retomada ao conservadorismo, com esse foco mais à direita?

³ Esta entrevista foi transcrita pelo estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPE-CAA e também pesquisador de Iniciação Científica Pérycles Emmanoel Macêdo.

Emir Sader: Há uma virada conservadora no mundo das últimas décadas do século passado pra cá, mas vamos abordar a nossa. Aqui [no Brasil] foi o susto que eles levaram. O risco de perder privilégio, a existência de um governo que governava pra todos, a inclusão social. Deixou de haver gente morando na rua, deixou de haver criança vendendo chiclete nas esquinas, essas pessoas estavam incorporadas, seja pela educação, pelo salário, pelo bolsa família. Então essa é uma reação de vingança. Sempre que há um movimento progressista em escala mundial, os setores conservadores se aglutinam e esperam a possibilidade de dar um bote. Eles perderam quatro eleições, aí, olharam pra frente e falaram: “a próxima é com Lula, vamos perder de novo”. Então, buscaram o atalho do golpe.

Hoje está caracterizado como golpe, porque aquele arranjo orçamentário não tinha nenhuma razão para tirar uma presidenta que acabara de ser eleita, menos ainda, como vocês sabem, a condenação do Lula, pois o próprio Moro disse que ele condenou por convicção e não por provas. O direito é baseado em provas, convicção é um dado subjetivo. Eu posso achar tal coisa, mas se eu não achar a prova não posso condenar. Então ele está condenado, preso, simplesmente por ser candidato, por duas circunstâncias sem provas e depois a eleição que foi mais ou menos anômala – teve mamadeira, teve kit, teve watts app.

Então foi uma virada meio esquisita e nas circunstâncias em que todos sabemos que o Lula ganharia no primeiro turno, portanto, não há uma maioria nacional de apoio. Então é um movimento de virada à direita, uma reação contra os direitos da massa dos trabalhadores, contra a melhoria do Nordeste – há um sentimento de vingança com o Nordeste – há entre tantas coisas a ameaça de privatizar o Banco do Nordeste, o maior banco da América Latina, que fomenta o desenvolvimento e as cooperativas. Então é vingança contra quem melhorou de vida nos anos anteriores.

César Lucena: Houve uma melhoria enquanto o Partido dos Trabalhadores estava no poder. Nós enxergamos e os fatos também comprovam, mas se houve essa inclusão social, essa participação da massa, do povão, por quê parte desta massa acabou aderindo a esse arranjo para que a esquerda fosse tirada do poder? Onde está a culpa dessas

lideranças e a autoavaliação do Partido dos Trabalhadores e dos partidos de esquerda para que nós chegássemos a esse ponto?

Emir Sader: Certamente. Eu acho que a autocrítica deve ser feita. No marco do sucesso de um governo que deu certo, nesse marco há coisas que não foram feitas, fragilidades permitiram isso que aconteceu, agora, reiteramos, se o Lula era favorito para ganhar no primeiro turno, houve um intervenção direta ou indireta de setores do judiciário que permitiram arbitrariedades que impediram a voz soberana do povo. Um dos erros foi não ter democratizado o judiciário, mas não se trata apenas de nomeações benfeitas ou malfeitas. Houve um membro do judiciário que era, simplesmente, advogado do MST, foi nomeado não porque o MST nomeou, mas porque apoiou, sentou lá em cima, por um mecanismo cruel que a gente não entendeu até agora e mudou radicalmente de posição. Então havia alguma coisa perversa no judiciário. Essa é uma das questões. Democratização dos meios de comunicação certamente é um problema e, hegemonia do capital financeiro, o capital especulativo continua a ser hegemônico apesar dos governos do PT e agora já manda no país, esse governo é dos ricos e dos banqueiros. Então houve erros, mas apesar do Lula estar preso e não poder falar, não poder dar entrevista e nada, ganharíamos no primeiro turno.

Tavares Neto: O PT sempre se declarou como um partido contra a corrupção, isso desde o tempo dos militares, desde o tempo que Collor foi candidato. De um momento para o outro, o Lula está preso, inclusive, acusado de corrupção. Isso significa: avançaram socialmente, mas não cuidaram muito da reputação, ou não houve corrupção?

Emir Sader: Houve. Houve descuido. Houve utilização indevida dos recursos públicos, o que se caracteriza como corrupção, mas não do Lula. Entraram na casa do Lula uma sexta-feira cedo para buscar provas, mexeram no colchão – porque pobre esconde dinheiro em baixo do colchão – e não saíram com uma fotografia, com um tostão. Cadê a conta do Lula? Ele estava vivendo no mesmo apartamento em que vivia quando era liderança sindical, então vamos separar: houve setores do PT que se envolveram com corrupção e reverteram a imagem da ética

na política, e não há nenhuma justificativa ou consolo porque os outros são muito mais corruptos, não é isso, mas sobre o Lula ou sobre a Dilma, não provaram absolutamente nada.

Tavares Neto: E sobre o triplex qual é a explicação que o Senhor dá?

Emir Sader: A explicação é que querem tirar o Lula da jogada. O triplex era um apartamento que ele iria comprar e não comprou, nunca tomou posse de nada, até as mentiras que foram contadas sobre o interior do triplex foram desmascaradas. Entraram lá e mostram que era tudo uma farsa. O Lula nunca comprou aquilo. A ideia do Moro é a seguinte: “houve corrupção, o Lula deu vantagens para empresas privadas e recebeu coisas em troca”. Que [essa vantagem] seria uma merreca de apartamento no Guarujá que ele nunca comprou. Cadê a prova? Cadê o contrato?

Tavares Neto: E o sítio de Atibaia?

Emir Sader: Era um sítio em que ele ia passar finais de semana. A própria juíza que está substituindo o Moro falou que a acusação não é que o sítio seja dele, é que houve benefícios, como o tal do “pedalinho” que são benefícios dados por empreiteiras por troca de vantagens, mas cadê as vantagens que o Lula deu? Não tem nenhuma prova com relação a isso.

Com o que o Lula ganhou ele poderia ter um sítio, mas o sítio não era dele. Certamente que em vários governos, progressistas ou não, existem irregularidades, poderiam ter pego alguma coisa, mas não. Eles têm uma convicção ideológica tão forte de que o Lula estava envolvido com corrupção que eles nem se deram ao trabalho de encontrar provas. Tanto assim que o Moro falou, está escrito. O processo nem tinha que estar na Lava-Jato porque não tem nada a ver com a Petrobrás. Está escrito que ele não tem provas, tem convicções. Então é uma farsa jurídica e o STF não julgou nenhuma vez o mérito da deposição da Dilma nem do Lula, isto é, deixa passar coisas gravíssimas sem julgar.

César Lucena: Após quatro vitórias seguidas, sendo duas vitórias do Lula e depois duas da Dilma, partindo para uma quinta como candidato indicado pelo PT que teve 47 milhões de votos, não há de se reconhecer que, em nome dessa governabilidade, acordos

foram feitos, acordos nada interessantes, nada republicanos e que mancharam essa história do nascedouro do Partido dos Trabalhadores? Foram acordos com o PMDB, com o PP e com outros partidos, acordos para governar, para uma manutenção do poder, só que esses acordos custaram caro. Como o senhor enxerga isso?

Emir Sader: Não se governa sem maioria. O Lula ganhou a eleição com cerca de 90 parlamentares num total de 540. Ele constituiu um conjunto de alianças para viabilizar o programa. Enquanto a hegemonia do PT se impôs nas alianças havia vantagens para os outros partidos, mas eles apoiaram o fundamental do PT – prioridade nas políticas sociais, resgate do papel do Estado, integração regional, fortalecimento dos bancos públicos, expansão da rede de escolas públicas, tudo isso era apoiado pelos outros partidos, então não era simplesmente uma negociata, era expresso, era explícita a aliança.

Mesmo Temer, que ganhou duas vezes como vice, assinou um programa que não era o programa que ele colocou em prática, era o programa do PT majoritariamente, então na verdade era uma aliança clara, explícita, se não, não se teria maioria para governar. Depois, quando o MDB mudou de posição, aí sim, mas lá atrás quem quer que fosse, estaria apoiando um programa fundamental do PT.

César Lucena: Após um ano preso, o senhor mantém a fala de que o Lula é inocente?

Emir Sader: Não sou só eu que mantenho, todos os juristas do Brasil. Ninguém chega a provar alguma coisa. Qualquer um que lê o processo diz. Se fosse só eu, não seria nada, mas entre todos aqueles que entendem de direito, nenhum deles diz que o Lula é culpado. Eu espero poder estar na próxima semana indo dar um abraço no Lula. E vou levar pra ele um livrinho que eu vou publicar agora chamado “Lula e a esquerda do século XXI”

Tavares Neto: Então o Sérgio Moro faz parte de um processo cujo objetivo era a eleição do Bolsonaro?

Emir Sader: Desembocou nisto. Mas é um processo internacional, uma estratégia internacional. O Sérgio Moro recebeu do governo Americano todos os dados de espionagem

que eles confessaram ter feito com a Dilma, no ministério de Minas de Energia e na Petrobrás. WikiLeaks revelou que eles prepararam todo o processo do mensalão e da Petrobrás entregando pra ele todos os dados que tinham. Então é um processo internacional de judicialização da política, de utilização das leis com o objetivo de perseguição política e está obvio: quem está perseguido e quem está livre? Isto é claramente uma coisa dirigida. Faltasse alguma coisa, depois de desqualificar a candidatura do Lula ele assumiria um ministério, então na verdade, fecha-se um ciclo. Mas não estou dizendo que lá atrás ele pensasse isso, mas que na verdade, essa foi a conclusão.

Entre outras coisas: depois da liberação do armamento ele [Moro] se reúne com a Taurus. O que ele foi fazer? É uma questão de foro íntimo, a menos que ele tenha uma relação privada, amorosa, com alguém de lá, ou com alguma espingarda, mas como é que ele explica? Já foi aprovado o tema de liberação da compra, agora vai se discutir o tema da posse de armamento, quem é que ganha nisso mais diretamente? Mas quem perde é o povo que é vítima da violência e quem ganha é o maior fabricante de armas e ele se reúne com os maiores fabricantes de armas e não dá justificativas, o que ele foi fazer? O que ele foi discutir com eles? Nunca se reuniu com as vítimas, mas foi se reunir com quem fabrica o armamento. Então há muita coisa que é preciso explicar.

Tavares Neto: Como justificar o desemprego durante a gestão do PT?

Emir Sader: Depois de quatro mandatos, o PT chegou no final do governo Dilma, com plenitude de emprego no Brasil pela primeira vez. 4,6% de desemprego é considerado pleno emprego. Isso foi resultado do PT, depois foi desestabilização do governo da Dilma. Disso o PT se orgulha. Temos que fazer uma autocrítica, mas chegar a 4,6% de desemprego, e eles esquecem isso, foi um sucesso extraordinário. A economia estava decrescendo, mas manteve-se o nível de emprego.

Tavares Neto: O senhor falou a poucos momentos que há uma tendência de a direita crescer. O senhor acha que dura muito ou essa fase está perto de chegar ao fim?

Emir Sader: Extrema direita [corrige]. Ela tem folego curto porque ela tem um modelo econômico neoliberal que não tem base de apoio popular e é feito para os bancos, para a especulação financeira. Esse governo vai se desgastar, eles não aprenderam nada, tem que fazer política social no continente mais desigual do mundo. Então vão se desgastar rapidamente.

César Lucena: Depois de quase quatorze anos de governo do PT, nós não instalamos aqui nem o socialismo nem o comunismo, por que ainda há essa rusga, esse resquício do socialismo, do comunismo como algo temeroso, fazendo referência ainda à primeira década do século XX?

Emir Sader: Ao invés de dizerem o que eles querem, ficam procurando bodes expiatórios. Eles sempre procuram o PT ou o Petismo, o socialismo ou o comunismo, como fantasmas pra ter o voto do medo. Quanta gente votou no Bolsonaro simplesmente pela questão do medo. Então eles precisam de bodes expiatórios. Onde é que estão o socialismo e o comunismo no mundo hoje? O que é que teve de socialista no governo do PT? Teve justiça social. A política do Lula foi, literalmente, a política do Keynes, do keynesianismo, da CEPAL.

Veio a crise internacional, buscaram reativar a economia e o crédito. Não se nacionalizaram empresas, não se expropriou setores da burguesia, não houve nenhum monopólio dos meios de comunicação, nada com que se pudesse caracterizar o fantasma do comunismo, ao contrário, Lula terminou o segundo mandato dele com mais de 80% de referências negativas nos meios de comunicação, e com 87% de apoio pelas políticas que fez, um marco absolutamente democrático.

Na época do PT não havia nenhuma ameaça, mas se começam a falar mal da direita e logo começam as ameaças de morte. O PT foi absolutamente democrático, então não havia nada do fantasma que eles pudessem levantar, isso é só um bode expiatório.

Tavares Neto: Dizem que a reforma da previdência no Chile foi um fracasso e é a reforma que estão querendo implantar no Brasil, o senhor tem alguma coisa a dizer sobre isso?

Emir Sader: O Chile é um dos países menos desiguais da América Latina. Pinochet e o neoliberalismo liquidaram com isso, a ponto que a universidade pública passou a ser paga até hoje. Lá não tem mais previdência pública e vocês sabem que um dos dados cruéis disso tudo é o extraordinário e dramático índice de suicídio entre idosos no Chile devido ao abandono, pois se não tem previdência pública tem que ser privada, mas só pra quem tiver recurso para isso e a esmagadora maioria não tem e, justamente na fase em que eles estão mais vulneráveis, então é um fracasso absoluto.

O Guedes é um “chicagoboy” formado na escola do Pinochet, ele faz apologia sem explicar. Isso é bom pra quem? É bom para os bancos, é capitalização privada. Essa lei da previdência no Brasil está tirando direitos das pessoas pra transferir para os bancos e falam: “vai crescer a economia”.

O PT fez crescer a economia sem fazer reforma da previdência e sem tirar direito dos aposentados, então essa história de que a reforma da previdência é a salvação da lavoura não é verdade. Nem mesmo que ela seja feita nos termos que o Gudes está colocando. Isso é mentira. Na Argentina fizeram reforma da previdência e a economia afundou mais ainda, não por causa da reforma, mas porque estava afundando mesmo. Então isso é mentira. Prove Sr. Guedes que a reforma da previdência leva dez anos de crescimento.

César Lucena: Há um interesse do Trump e há um interesse contra atual governo e há, por conseguinte, uma retomada a guerra fria, pois a antiga União Soviética tem na Rússia uma liderança muito forte, militarmente falando; o Putin já disse que está atento as movimentações. Nosso governo não teria que ter uma maior atenção para saber lidar com essa situação com a Venezuela, uma vez que somos um país vizinho, para que nenhuma consequência ruim venha a atingir a nós brasileiros?

Emir Sader: Primeiramente respeitar as decisões do governo e do povo Venezuelano, não temos nada que interferir. Há mais de uma semana aviões militares americanos estão desembarcando na Colômbia levando suposta ajuda humanitária. Parlamentares e o vice-

presidente dos Estados Unidos estão se reunindo pensando no tema da derrubada de um governo, um governo que, independente das condições internas, foi eleito.

O Brasil não tem nada que interferir. Essa semana, segunda feira, em plena crise de laranja pra cá, laranja pra lá, numa reunião para organizar apoio humanitário, sabe quem participou além dos ministros? O presidente do STF. O que tem a ver o Sr. Toffoli participar de uma reunião dessa ordem?

Ao contrário, estamos interferindo na situação interna da Venezuela. O STF deveria cuidar da autonomia do judiciário. E agora o Brasil está querendo levar ajuda supostamente humanitária. Ajuda humanitária não é assim que se faz, todos os órgãos internacionais, a Cruz Vermelha e etc. não consideram essa participação como uma participação política para tentar derrubar o governo.

César Lucena: Não é fato a situação de miserabilidade daquele povo?

Emir Sader: É claro. Mas o que é que o governo Norte Americano faz? Bloqueiam economicamente, impedem a compra de medicamentos, piora as condições de sobrevivência deles. Ajuda humanitária tudo bem – vai lá, entrega para o governo e o governo distribui, mas eles reconhecem outro presidente autoproclamado, seria como se a Hilary disse: “Ah eu ganhei a eleição, tive mais votos, eu sou a presidenta dos Estados Unidos”

César Lucena: Então o que o Senhor defende que seja feito para que o povo venezuelano seja assistido? Que se entregue ao governo Maduro?

Emir Sader: Se se entregar [ajuda humanitária] para esse outro cara, ele não tem nem condições de repartir. Ele fala: “Exijo a abertura da fronteira com o Brasil”, contudo, se você é presidente você vai lá e abre, mas ele é um presidente fictício, presidente apenas de uma assembleia parlamentar que não tem nenhum poder real. Então se se entregar algo na mão dele, ou ele vai comer ou vai apodrecer porque ele não tem estrutura para distribuir pois é uma presidência fictícia.

Acho que o Maduro deveria falar: “Tudo bem, entrega e a gente garante que chegue à massa da população”. Agora, não se pode disfarçar uma intervenção militar, pois eles [EUA] estão com uma intervenção militar disfarçada de ajuda humanitária.

O Brasil tem que ser pacificador. O Lula se transformou no “Cara” porque era da negociação. O Lula se reuniu com a Turquia, foi tentar resolver o problema do Irã e conseguiu fazer avançar coisas dessa ordem. A América do Sul resolveu um conflito grave entre Colômbia, Equador e Venezuela com o conselho Sul-americano de defesa, com negociação política, com pacificação e não aguçando. Agora vai se reunir, segunda feira, na Colômbia em Bogotá, como vice-presidente dos Estados Unidos pra decidir o quê? A derrubada do Governo [da Venezuela]. Tão preocupados com a democracia, mas apoiam países como a Arábia Saudita, Iémen, que são uma excrescência em termos internacionais. Por que toda essa preocupação? Só uma palavrinha: petróleo. Petróleo. Por que não estão preocupados com outros países? O Roteiro de circuito de conflitos que os Estados Unidos sempre tem petróleo no meio.

César Lucena: O Senhor defende Nicolás Maduro?

Emir Sader: Eu defendo a legitimidade dos venezuelanos. O governo dele não é um Governo bom – desabastecimento, inflação. Agora, nem por isso deve ser derrubado. Quantos governos ruins temos por aí, inclusive sem legitimidade, e não temos que derrubar. O governo de Honduras, no Paraguai, derrubou governantes eleitos e nem por isso se chegou lá pra derrubar aqueles governantes, houve sanções e tudo mais. Isso não é defender o governo é defender a autonomia da Venezuela para decidir. Se forem optar por novas eleições, pode ser, mas aí é o povo que se pronuncia.

César Lucena: Que avaliação o senhor faz da educação pública nesses quatorze anos do PT e agora, depois desses dois anos de Michel Temer? Temos déficit na qualidade ou estrutural? O que o Senhor pontuaria sobre o ensino público na educação básica?

Emir Sader: Eu queria só recordar uma coisa dos anos noventa, quando a gente tinha um sociólogo renomado e presidente da república, nos acordos que ele assinou com o fundo

monetário internacional, a carta das intenções, das ‘más intenções’, numa dessas cartas ele se comprometeu a não criar nenhuma escola técnica no Brasil. Ele assinou uma coisa cruel para o jovem trabalhador.

O jovem que não se qualifica para entrar no mercado de trabalho; olha o nível de concessão que se fazia. Não se criou uma só escola técnica durante oito anos de governo. Acho que inquestionavelmente no Nordeste, que vocês conhecem melhor do que eu, se expandiu enormemente a rede de estudos e educação, escolas técnicas, universidades. Agora eu acho que no ensino básico não melhorou e que acaba sendo essencial, porque é aí que se forma. No ensino intermediário também não.

A qualidade dos professores, não por culpa deles, mas por não ter qualificados, salário e tudo mais. É inacreditável ter essa quantidade de universidades novas no Nordeste, pois eu circulei nas quatro caravanas com o Lula e conheci universidades no sul do Piauí, que antes era uma discussão na família para um cara estudar não sei aonde e agora não, estuda o filho, a mãe e o pai e isso há dez anos já. E é isso que estão querendo desarticular! Eles entram em pânico do espaço universitário, da reunião dos professores e dos alunos. Isso melhorou certamente, mas eu acho que o ensino intermediário e o ensino básico não melhoraram e deveriam ser a prioridade de um novo governo progressista.

Tavares Neto: O senhor se referiu a Fernando Henrique Cardoso, ele não está apoiando Bolsonaro. Em suas últimas declarações ele parece estar indo em direção ao PT. Ou não?

Emir Sader: Tanto não está que não apoiou Haddad no segundo Turno. Ele tem um certo orgulho pessoal e acho que nem poderia apoiar, mesmo assim, ele não fez uma crítica frontal de oposição, mas, num segundo turno em que você vota contra o outro... O mal maior não era o “Bolsonaro”.

Ele não votou no Haddad, então teve uma atitude como a do Ciro Gomes e foram atitudes ruins porque ali já não era a ideia de opções em geral, era a ideia de “ou este ou o outro”.

Pelas declarações feitas ao longo do tempo pelo Bolsonaro claramente ele era o mal maior para quem quer que tenha um espírito democrático. Ele falou que o Brilhante Ustra ia ser

herói no governo dele, o maior torturador da ditadura militar. Então foi uma atitude ruim eu acho. Não resolveria, com o apoio do Ciro Gomes, mas eu acho que naquele momento era definidor. Tudo bem que agora ele se distancie. “Todo governo começa com trapalhadas, mas esse está exagerando”, é um pouco suave a crítica dele, não é? Acho que é um pouquinho mais do que trapalhadas.

César Lucena: O senhor fez referência a essas pessoas mais humildes do Nordeste e isso refletiu na votação do PT, porque se dependesse dos nove estados do Nordeste o Haddad seria o presidente. Contudo houve uma mudança escancarada no Sudeste e no Sul do país. Por que o PT perdeu tanto espaço nos centros urbanos? O que explicaria esse enfraquecimento do Partido dos Trabalhadores no Sul, Sudeste e Centro-oeste?

Emir Sader: Eu acho que os dois fenômenos estão ligados. Um é o papel da classe média, um setor que é temeroso em relação aos avanços populares e o PT não teve um discurso para a classe média, embora a classe média tenha, certamente, melhorado de vida como todo mundo. Em segundo lugar no centro-sul os meios de comunicação têm um papel muito importante. No Nordeste a vida das pessoas mudou muito, mas os meios de comunicação, no sentido conservador, têm uma influência menor.

Lá o Aécio tem cinquenta e dois milhões de votos. Certamente uns trinta milhões são de gente do povo, beneficiários de políticas sociais. Eu acho que a Dilma, embora tenha feito um bom governo em termos de políticas sociais, Minha Casa Minha Vida, Mais Médicos, não falava. O Lula falava, convenciam, argumentava, por isso que ele chegou a ter 20% de apoio no Mensalão e terminou o governo com 87% de apoio. Não foi só pelo que ele fez, mas pelo que convenciam e argumentava e a Dilma era silenciosa. Então mesmo favorecendo esses setores que votaram no Aécio ainda tinha aqueles argumentos “ah por que Deus me ajudou e eu me esforcei” então Deus estava de férias nos anos noventa? Você era preguiçoso nos anos 90? São argumentos que precisam ser desenvolvidos. Os beneficiários do PROUNI ou do FIEIS até entendiam que era uma política governamental, mas acho que o silêncio da Dilma, que fazia coisas tecnocraticamente bem até, mas não argumentava, fez perder setores populares,

além dos de classe média. Então foi assim, perdemos por dois terços a um terço. E ganhamos no Nordeste. Ela foi reeleita em 2014.

César Lucena: Professor, os movimentos sociais vão resistir?

Emir Sader: Vão. Resistiram a momentos mais difíceis. A ditadura militar foi um momento mais difícil. Os anos noventa foi um momento bem complicado e hoje eles passam por um momento em que a massa da população sentiu como mudou sua vida. Hoje não é simplesmente dizer: “vamos fazer um governo assim e assado”, fizemos um governo assim. Temos que melhorar e fazer muito mais, mas os líderes sindicais hoje têm uma referência. O MST alfabetizou mais gente do campo no Brasil do que praticamente todos os programas dos governos. Há quem diga que quer acabar com as escolas do MST. O ministro da educação diz que universidade é para uma elite, simplesmente, que a massa dos trabalhadores tem que ter no máximo escola técnica e vem questionar o trabalho notável que faz o MST em termos sociais, culturais e educacionais. Eu acho que há razões para resistir embora a ofensiva seja forte. A ofensiva é contra o patrimônio público, infelizmente não temos mais militares que se rebelam contra alienação do patrimônio público. [Primeiro] estamos alienando e privatizando, em segundo lugar afetando os direitos dos trabalhadores e em terceiro lugar afetando políticas sociais. Acho que essas três categorias de trabalhadores estão muito no foco, no olho do furacão: petroleiros, por causa destes ataques à Petrobrás; professores, por causa dos ataques à educação pública e, bancários, em grande medida pelos ataques à bancos públicos.

César Lucena: Chegamos aos extremos do discurso “Bandido bom é bandido morto” e vimos no eleitor do Bolsonaro um pedido de solução pra esse problema da violência. Por que o governo Lula, que incluiu tanto com suas políticas sociais, deixou a questão da violência sem um tratamento devido? Pois o brasileiro ainda não se sente seguro. Por que nós chegamos a esse nível?

Emir Sader: Estou totalmente de acordo. Eu acho que um dos maiores escândalos do Brasil, esse país cheio de escândalos, é o genocídio diário dos jovens negros feito em grande medida

pela polícia. Oito, nove, dez que não tem cara, não tem sobrenome, não tem namorada, não tem família são mortos e dados como estatística. Mesmo melhorando a vida dessa mesma massa da população ainda não diminuimos o genocídio, porque a questão é muito mais complexa, não é liberando o armamento, porque tem a ver com corrupção da polícia, tem a ver com narcotráfico, com milícia.

No Rio de Janeiro, onde eu moro, uma parte da população pobre está desvalida: está entre a violência da polícia, da milícia e do narcotráfico, são setores onde não há poder público pois tem que pagar pra ter antena de internet, pagar pra várias outras coisas. E o Bolsonaro dava a impressão que se interessava pelo destino deles sem nenhuma solução, ao contrário, liberar o armamento piora a situação da violência, mas o problema é que ele colocava como pauta e a esquerda não teve isso. A longo prazo é claro que a Europa tem mais condições econômicas e sociais e tem menos violência, mas era um prazo muito longo e a esquerda e os setores democráticos não têm uma política democrática de segurança pública eficiente em nenhum estado do Brasil praticamente.

César Lucena: O que é que o Senhor defende como eficácia para a segurança pública, além da inclusão social?

Emir Sader: Primeiro combater o tráfico de armamento, o armamento que vem de fora, porque as forças armadas não protegem a fronteira. Segundo, o armamento das forças armadas terminam nas mãos dos narcotraficantes. Terceiro descriminalizar o consumo de drogas leves, pois diminuiu o índice de violência em Portugal e no Uruguai. A quantidade de jovens presos por consumo ou por tráfico com quantidades irrisórias diminuiria essa população carcerária estúpida que existe, mas, ainda mais, diminuiria um negócio da polícia que tem a ver com a proibição do consumo de qualquer tipo de consumo de drogas.

Acho que as experiências concretas, Portugal e Uruguai, que são países próximos da gente, comprovam que diminui a violência, claramente diminui o tráfico e diminui o nível de encarceramento.

Hoje em dia a ideia de que a guerra contra o narcotráfico fracassou é uma ideia universal. Em mais de vinte estados americanos existem graus de legalização. O México está começando a discutir a legalização porque a ilegalidade torna a mercadoria mais cara, mais valiosa, corrompe a própria polícia, corrompe as forças armadas quando elas participam. Então, eu acho que esses são temas que ajudariam.

César Lucena: O senhor condena o pacote anticrime de Sergio Moro?

Emir Sader: Totalmente. O ministro da justiça tem que cuidar da justiça e não essa coisa de perseguição. É uma coisa de política falida porque é mais prisão, mais condenações, mais gente perseguida, não é isso, isso é um estado policial.

Hoje em dia do jeito que estão as prisões no Brasil, um inferno, prisão não recupera ninguém. Qual é a postura do ministro da justiça? É mais gente presa, é coisa de perseguição. E ele, inclusive, centraliza também a receita federal.

Agora vai começar a perseguir movimentos sociais, universidades através de denúncias financeiras e até, mais do que isso, se colocou a ideia de um Lava-Jato na educação. É o que a educação precisa, saber se gastou lápis, se gastou não sei o que, é o FIEIS é o PROUNI? Pode ter irregularidades com tinha, como sempre se viu no Jornal Nacional: “uma senhora em tal lugar está recebendo Bolsa Família e ela está recebendo 140 e não 120”. É esse o desequilíbrio das contas públicas? O Lava-Jato da educação vai ser perseguir a educação pública. Perseguir como pretexto de irregularidades econômico-financeiras. Põe a Lava-Jato no Senado brasileiro, nos partidos políticos do Brasil, no grande empresariado que sonega.

Tavares Neto: O senhor fala nas grandes imprensas. Todos diziam que a TV Globo tinha uma política contra o PT, mas na eleição passada ela apoiou Bolsonaro? Mas Bolsonaro enfrentou a Globo.

Emir Sader: Pisa no calo dela quando favorece concorrentes. Ele [Bolsonaro] favoreceu escandalosamente a Record. [A globo] não teve a posição de votar no Haddad, eles não estavam incomodados por causa das posições deles, não é por que ele disse coisas estúpidas,

mas é basicamente pela concorrência, especialmente TV Record, Igreja Universal, eles têm problemas com isso. Agora quando vem a lei da previdência que eles adoram aí eles até baixam o nível de ataques pra favorecer a coesão da base governamental.

César Lucena: A fé foi decisiva nessa eleição. Gostaria de ouvi-lo nesse aspecto.

Emir Sader: Foi porque o Lula estava fora da parada. Não tinha Deus, não tinha diabo que impedisse a vitória do Lula, não tinha igreja Universal, mas claro, acabou sendo e a virada conservadora no mundo, em partes, tem a ver com isso: misturar religião com política. O que é ruim. Religião é uma questão de fé não se deveria misturar, além disso, algumas igrejas são máquinas de ganhar dinheiro, não é só simplesmente pregar valores, são interesses econômicos que geram, até meios de comunicação e coisas dessa ordem como esses enormes templos que são até um desplante com relação à origem e ao sentido do cristianismo.

Tavares Neto: E a igreja Católica? Como fica aí dentro?

218

Emir Sader: O João Paulo II, aquele Papa que participou da Guerra Fria muito ativamente, destruiu a “galinha dos ovos de ouro” da Igreja Católica que era a Teologia da Libertação e deixou espaço para se constituir uma igreja popular conservadora que é a igreja evangélica. A Teologia da Libertação era a melhor expressão dos valores originais e populares no cristianismo. A Teologia da Libertação foi perseguida e destruída e deixou espaço para crescer uma igreja que não é uma igreja [...]. Como uma igreja pode apoiar um candidato que não só fala da pena de morte, mas promove um maior armamento da população? Por favor, religião, pelo menos quer dizer convivência pacífica das diferenças.

César Lucena: O governo Bolsonaro é um governo duradouro ou um governo passageiro?

Emir Sader: A estrutura do governo está montada e não depende do Bolsonaro ser ou não ser presidente. Há um núcleo de militares, um núcleo econômico do Guedes, um núcleo de estado policial do Moro. Ele pode continuar ou não, mas já prestou um serviço que foi derrotar

a esquerda e ele pode, eventualmente, se for muito incômodo, indevido e desqualificado como ele é, pode ser substituído, tem até um vice-presidente que pode assumir no lugar dele. Eu acho que ele, como Bolsonaro, é de tiro curto, mas o governo que ele instalou terá um alento mais longo no tempo.

César Lucena: Isso passa por uma reeleição, se não dele, mas de alguém com o mesmo amparo deste sistema que o elegeu?

Emir Sader: Estão militarizando o Estado de novo, criando um Estado de exceção, provavelmente vão estabelecer normas que vão enfraquecer a soberania do voto popular, coisas do tipo acabar com o voto obrigatório, criar alguma forma de parlamentarismo, fazer voto distrital, fazer coisas que desqualificam a ideia do voto universal que elegem o presidente da república. Não sei o que vão fazer, mas eles não têm fôlego longo em termos de apoio popular, porque a política econômica neoliberal é desastrosa, é ajuste, ajuste e ajuste não tem política social, é uma tragédia. Então esse apoio eles vão perder. Agora vão se manter pela legislação que vão estabelecer, pela repressão, pelo endurecimento inclusive com relação a meios de comunicação. Então terão que compensar a perda de apoio com medidas restritivas. Eles se blindaram. Se sair o Bolsonaro ainda não tem eleição, pois tem o vice-presidente, a menos que vice-presidente também saísse e na segunda metade do mandato é o congresso que decide então, institucionalmente eles estão calçados, e estão blindando o Estado para um 2020 de novo, uma vitória popular.

César Lucena: Então seriam oito anos, doze anos, ou é difícil mensurar?

Emir Sader: É difícil medir, mas institucionalmente eles estão blindados por quatro anos e estão tentando construir uma institucionalidade que impeça uma vitória de um governo popular. Vamos ver como é que eles vão conseguir fazer. Uma delas é impedir que o Lula saia, outra delas é a repressão ao Partido dos Trabalhadores e aos movimentos sociais, com certeza.

César Lucena: Aquela ideia de raptar o Lula e leva-lo pra uma embaixada, isso não foi discutido?

Emir Sader: Não, àquela altura era resistir ou se entregar. Com o caráter do Lula, ele nunca vai se exilar. Ele não quer nem prisão domiciliar porque é uma espécie de reconhecimento da condenação e ele quer provar a inocência, mas provar a inocência com esse STF que não julgou o mérito dele, não julgou o mérito do *impeachment* da Dilma até hoje, é absolutamente conivente pelo silêncio, mas ele insiste em reafirmar a inocência dele. O exílio não está no caráter do Lula.

César Lucena: O senhor sonha com o Lula fora daquela prisão em Curitiba?

Emir Sader: Eu sonho em chegar a próxima quinta-feira, ir lá e falar “Lula, vamos embora, dá a mão aqui, teu lugar não é aqui, deixa esses caras aí”.

Agora não sendo possível, acho que todo mundo, inclusive você, sonha com a ideia de dar um novo abraço no Lula. Todo mundo pensa nisso pelo carinho que tem por ele e por tudo que ele fez. Pode ser que nessa discussão de abril, sobre segunda instância se diminua a pena do Lula. Porque ele foi condenado a nove anos e meio de achando que com isso conseguia uma maneira de desmoraliza-lo, depois colocaram pra doze anos pra ter mais dificuldade de recurso. Pode ser que ele diminua e ele tenha direito a prisão domiciliar.

Temos que convence-lo de que independente das condições em que ele saia, ele precisa sair, não só pela questão humana, mas pela sua participação política no Brasil. Precisamos convence-lo disso.

Claro que ainda não está colocada uma decisão, mas eu vou falar pra ele que a gente precisa que ele saia. Ele fala: “eu estou disposto ao sacrifício, só vou sair em reconhecimento da minha inocência”, mas independente de tudo isso, o Brasil precisa de uma presença como a dele que politiza e eleva o nível do debate, o povo se reconhece nele, ele argumenta.

Esse governo é tão frágil, aquele militar falou que o processo sairia de controle. Não é assim. O Lula vai sair e não vai ter insurreição popular, mas ele representa um Brasil e uma maioria

da população e esse Brasil precisa ter quem expresse isso. Isso é muito artificial, a pessoa mais qualificada para dirigir está na prisão e a menos qualificada está no Palácio do Planalto. A verdade é que ele é uma contribuição histórica, ele é um democrata com todo mundo, ele conversa com todo mundo. Lula não é a favor de nenhuma solução que exclua ninguém, ele é acusado de ser até moderado demais, mas a democracia brasileira se fortaleceria e seria uma prova pra ver se esse governo tem sustentação ou não. Se eles não aguentam nem o Lula falar, pois se você quiser entrevistar o Lula eles não permitem, mas por quê?

César Lucena: Essas delações, o Palocci e tantos outros, com que nível de confiabilidade o Senhor enxerga?

Emir Sader: É um erro grave da Dilma ter aprovado isso. Quem está preso quer sair, qualquer que seja a condenação ou o que tenha feito, matado mãe, matado pai, mas quer sair. E é uma coisa viciada: não é só por que ele faz a delação que interessa a quem pode libera-lo que ele deve sair, recuperar uma parte do que roubou e viver tranquilamente. Então deveria se fechar o círculo que está totalmente viciado esse esquema.

César Lucena: Mesmo que a delação venha acompanhada de provas?

Emir Sader: Não, com provas tudo bem, mas as únicas delações interessantes para o Moro eram aquelas que tinham a ver com a condenação do Lula. Mas hoje a delação não é acompanhada de provas, como se ela por si só valesse para condenar. E o Palocci, dizem que é um imprestável, os empresários é que seriam os mais significativos. Mas boa parte deles está liberado, com o dinheiro restituído e vivendo muito bem, quer dizer, “o crime compensa”.

Submetido em: 05/03/2019

Aprovado em: 20/04/2019